

Conhecer para conservar: um pouco de história (parte 1)

Categories : [Pedro da Cunha e Menezes](#)

Em praticamente toda da história da humanidade, com exceção das últimas décadas, a natureza foi sempre vista como um adversário a ser temido, domado e, em última análise, suprimido. Das suas entranhas saíam os predadores e os grandes males que ameaçavam a vida. Civilizar, nesse sentido, durante milênios significou tornar o Homem uma entidade separada e superior à natureza. Ou seja, o ser humano civilizado é superior ao ser humano selvagem. Desse período ainda nos restam muitos traços que marcam o inconsciente coletivo da humanidade. As histórias infantis contam parábolas em que os vilões são o lobo mau, ou discorrem sobre florestas tenebrosas aonde Joãozinho e Maria são levados para se perderem. Por outro lado, os heróis dessas mesmas histórias são amiúde aqueles que mantêm a natureza sob controle: caçadores e lenhadores. Na língua portuguesa, em pleno século XXI, ainda carregamos clara influência do tempo em que a natureza era associada a perigos, medos e ansiedades. Expressões como "estar no mato sem cachorro", "forçar a barra", "é preciso matar um leão por dia" e "a coisa ficou preta" que evoca o medo ancestral da escuridão e da noite, entre outras, ainda são comuns nas conversas cotidianas.

Esse medo ancestral só começará a ser questionado pela sociedade ocidental em meados do Século XVIII. A reconciliação do Homem com a natureza é um produto que só começou a ser desenvolvido a partir da Revolução Industrial. Para funcionar, as fábricas europeias precisavam de grandes contingentes de mão de obra, o que, na Inglaterra, provocou uma política pública de fechamento dos campos públicos onde antes era permitido o cultivo comunal. Essa política, conhecida como "enclosure", causou fome nas áreas rurais e forçou a migração para as cidades que, por sua vez, cresceram em ritmos muito rápidos, sem planejamento nem medidas que garantissem um mínimo de salubridade, tais como o tratamento do esgoto, o estabelecimento de redes de água potável, a recolha do lixo e a normatização de um código urbano que assegurasse a devida aeração dos espaços edificados e a destinação de alguns lotes de terra para a recreação.

O resultado não demorou a se fazer sentir na forma de epidemias de cólera, sarampo, tifo e outras doenças fatais. Por outro lado, a poluição gerada pelas indústrias também cobrava seu preço, sendo a principal causadora do aumento exponencial das mortes por tuberculose. As classes mais abastadas protegeram-se indo residir em casas de campo nas cercanias das cidades grandes de que são exemplos emblemáticos Sintra em Lisboa, Fontainebleau e Versailles em Paris e, mais tarde, a Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro.

Mas era necessário também garantir a saúde dos trabalhadores e das elites enquanto estivessem forçados a permanecer nas cidades. Na Alemanha, chegou a haver um movimento que pregava o fim das aglomerações urbanas e a volta aos campos. Já os pensadores britânicos e franceses

encontraram uma saída mais pragmática: percorrer o caminho inverso e trazer um pouco da natureza para as cidades.

Proteger na cidade